

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET  
CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO INGLÊS-PORTUGUÊS**

**TRADUZINDO *THE BLITHEDALE ROMANCE* DE  
NATHANIEL HAWTHORNE (1804-1864) PARA O PORTUGUÊS  
BRASILEIRO: ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS**

**ISABELLE FREIRE VIANA**

**Brasília**

**2016**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS - IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET**  
**CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO INGLÊS-PORTUGUÊS**

**ISABELLE FREIRE VIANA**

Trabalho apresentado como requisito parcial na disciplina Projeto Final do Curso de Letras-Tradução Inglês-Português, para obtenção do título de Bacharel em Letras-Tradução Inglês-Português sob orientação da prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Válmi Hatje-Faggion, da Universidade de Brasília - UnB

**Brasília**

**2016**

**ISABELLE FREIRE VIANA**

**TRADUZINDO *THE BLITHEDALE ROMANCE* DE NATHANIEL  
HAWTHORNE (1804-1864) PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS**

Trabalho apresentado como requisito parcial na disciplina Projeto Final do Curso de Letras-Tradução Inglês-Português, para obtenção do título de Bacharel em Letras-Tradução Inglês-Português sob orientação da prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Válmi Hatje-Faggion, da Universidade de Brasília - UnB

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Válmi Hatje-Faggion

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachael Anneliese Radhay

Avaliadora

---

Prof. Dr. Pawel Jerzy Hejmanowski

Avaliador

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS .....	3
2.1. Estudos da Tradução: estudos descritivos, questões socioculturais .....	3
2.1.2 Tradução e cultura .....	6
2.1.3 Itens Culturais Específicos de Tradução .....	9
2.1.4 Domesticação e estrangeirização .....	10
3. O PROCESSO TRADUTÓRIO .....	13
3.1 A Renascença Americana .....	13
3.1.1 Nathaniel Hawthorne, caçador de pecados .....	14
3.1.2 O estilo subversivo.....	15
3.1.3 Temas chave na obra de Hawthorne: a moral e a contemporaneidade .....	15
3.1.4 The Blithedale Romance: a obra.....	17
3.2 Discussão do processo tradutório: aspectos gerais .....	19
3.2.1 Discussão do processo tradutório: aspectos específicos .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO .....	39
Anexo A - Tradução .....	39

## RESUMO

O objetivo deste Projeto Final do Curso de Letras-Tradução Inglês é apresentar uma proposta de tradução para o português do Brasil dos três primeiros capítulos da obra *The Blithedale Romance*, de Nathaniel Hawthorne, que totalizam aproximadamente vinte laudas. Com base no esquema descritivo de Lambert e Van Gorp (1985), apresento uma análise descritiva da obra, levando em consideração o conceito de polissistemas para situá-la em seu contexto sociocultural. Para embasar a discussão teórica, serão considerados autores como Aixelá (2013), sobre itens culturais específicos, assim como as abordagens de tradução estrangeirizante e domesticadora, propostas por Fredrick Schleiermacher (1813 [2007]), e revisadas por Lawrence Venuti (1995) e, também, Paulo Henriques Britto (2013). Para estratégias de tradução mais específicas, como tradução de nomes próprios, topônimos e títulos, serão considerados Clifford Landers (2001) e Peter Newmark (1981; 1988). O objetivo geral da minha tradução foi tentar manter uma tradução no meio termo entre estrangeirizante e domesticadora.

**Palavras-chave:** Tradução literária; aspectos culturais específicos; Nathaniel Hawthorne; *Blithedale Romance*.

## **ABSTRACT**

The purpose of this "Projeto Final" of the Curso de Letras-Tradução Inglês (Final Essay of the English Translation- Course) is to present a translation into Brazilian Portuguese of the first three chapters of Nathaniel Hawthorne's *The Blithedale Romance*, whose total is of approximately twenty pages. Based on Lambert and Van Gorp (1985)'s descriptive scheme on describing literary translations, a descriptive analysis of the work is presented, and the concept of polysystems was taken into account in order to situate the work in its sociocultural context. To support the theoretical discussion, authors considered include Aixelá (2013), on cultural specific items of translation, as well as the foreignizing and domesticating translation methods, proposed by Fredrick Schleiermacher (1813 [2007]), and reviewed by Lawrence Venuti (1995), and Paulo Henriques Britto (2013). Authors such Clifford Landers (2001) and Peter Newmark (1981, 1988) For more specific translation strategies, such as translation of proper names, place names and titles, Clifford Landers (2001) and Peter Newmark (1981, 1988) were considered. The overall goal was to try to keep a balance between a foreignizing and a domesticating translation.

**Keywords: Literary translation; culture-specific aspects; Nathaniel Hawthorne; Blithedale Romance.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Isabel e Robério, minha avó Bezinha e todos os demais familiares que me deram o suporte necessário para eu estar aqui, e que acima de tudo acreditaram no meu sucesso.

A Clarice e Iago, que foram fontes de muita motivação durante meu percurso, além dos conselhos valiosos, palavras e gestos de conforto.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Válmi Hatje-Faggion, pelos conselhos e orientações dados.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rachael Anneliese Radhay, por ter aceitado o convite para fazer parte da banca e pelas relevantes indicações..

Ao Prof. Dr. Pawel Jerzy Hejmanowski, por ter participado da banca e pelas sugestões que ajudaram a aperfeiçoar o trabalho.

Aos demais professores e amigos, que me ajudaram direta e indiretamente durante todo o Curso.

## 1. INTRODUÇÃO

Nathaniel Hawthorne (1804-1864) é um autor americano nascido na cidade de Salém, Massachussets, EUA, e foi um consagrado contista e romancista do movimento romântico. De acordo com o levantamento feito por Denise Bottman (2013), apenas pouco mais de vinte contos de Hawthorne foram traduzidos e publicados no Brasil. Dos cinco romances finalizados do autor, apenas três foram traduzidos: *The Scarlet Letter* (1850), com seis retraduições, *The House of the Seven Gables* (1851) e *The Marble Faun* (1860). Seu primeiro romance, *Fanshawe*, publicado anonimamente em 1828, foi um fracasso de vendas e desprezado pelo próprio autor, o que justifica em certa medida a falta de traduções. Já, *The Blithedale Romance*, publicado em 1852, foi escrito baseado na experiência da juventude de Hawthorne em Brook Farm, uma comunidade utópica. Segundo David Reynolds (2011), o romance consiste em uma crítica a esse movimento, e goza de críticas positivas, mas não tem tradução publicada no Brasil, fato que motivou a escolha dessa obra para ser traduzida no Projeto Final do Curso de Letras-Tradução Inglês. Para fins de confirmação da existência ou não de tradução publicada de *The Blithedale Romance* em português do Brasil, foi realizada uma pesquisa nos bancos de dados da Biblioteca Nacional do Brasil e na ferramenta de indexação de traduções da UNESCO, *Index Translationum*. Concluiu-se que não há traduções registradas desse romance americano.

Para os fins deste Projeto Final de Curso, selecionei os três primeiros capítulos de *The Blithedale Romance*, de modo a atingir aproximadamente 23 laudas. Após discorrer sobre o contexto histórico em que autor e obra se encontram, analisarei e discutirei o processo tradutório, com ênfase nas minhas opções de estratégias tradutórias à luz das noções de domesticação e estrangeirização propostas por Friedrich Schleiermacher (1813/2007), por Lawrence Venuti (1995) e Paulo Henriques Britto (2010). Também são considerados autores como Itamar Even-Zohar (1990), sobre a questão da inserção da obra e sua tradução no polissistema literário do país de origem e chegada, o modelo de análise descritiva de tradução literária proposto por Lambert e Van Gorp (1985), de modo a situar tanto o texto original em inglês quanto a sua tradução correspondente em seus respectivos sistemas literários. Serão consideradas, também, as orientações de Javier Aixelá (2013) e as noções de tradução

estrangeirizante e domesticadora, propostas por Friederich Schleiermacher (1813 [2007]) e revisitadas por Lawrence Venuti (1995) e Paulo Henriques Britto (2010).

O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma tradução em português do Brasil dos três primeiros capítulos de *The Blithedale Romance*. O objetivo específico é discutir a tradução com ênfase nas opções de estratégias tradutórias e como a ideia de estrangeirização e domesticação as influenciou ao longo do processo, levando em consideração a época em que a obra foi escrita (século XIX) e o momento em que esta tradução é produzida (século XXI), primeiro semestre de 2016.

Dada a relevância de Nathaniel Hawthorne no polissistema literário americano, em que é considerado um dos cinco grandes autores da chamada Renascença Americana – junto com Melville, Thoreau, Whitman e Emerson – seria de se esperar que ao menos boa parte de sua obra, incluindo romances e contos, estivessem traduzidos, mas não é isso o que acontece. Mais da metade de seus contos e um romance de grande porte como *The Blithedale Romance* ainda carecem de tradução. Por essa razão, escolhi apresentar uma proposta de tradução desse para que Hawthorne tenha, ao menos no gênero romance, suas principais obras traduzidas no Brasil.

Este Projeto Final está dividido em introdução, dois capítulos e considerações finais. Na Introdução, foi abordado o objetivo geral do trabalho, bem como a justificativa para a escolha da obra e os autores que compõem a fundamentação teórica. No capítulo 2, abordarei as considerações teóricas levando em consideração os estudos descritivos da tradução e questões socioculturais. No capítulo 3, tratarei do processo tradutório a partir de exemplos retirados da tradução. Nas considerações finais serão retomados as principais questões referentes à tradução dos três primeiros capítulos da obra *The Blithedale Romance*, a principal conclusão é que a tradução apresentou elementos tanto estrangeirizantes quanto domesticadores, situando-se então em um meio termo entre um método e outro.

## 2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Nesta seção é apresentado o arcabouço teórico no qual todo o processo de minha tradução dos três capítulos da obra *The Blithedale Romance* de Hawthorne é baseado. Primeiramente, considero a noção de polissistema proposta por Itamar Even-Zohar (1990), e em seguida, no âmbito dos estudos descritivos da tradução, apresento as quatro etapas que compõem o modelo de descrição literária proposto por José Lambert e Hendrick Van Gorp (1985), a fim de situar a obra em seu polissistema literário de origem (Estados Unidos) e compará-la com o lugar ocupado pela sua tradução no polissistema literário do país de chegada (Brasil). Em seguida, apresento os conceitos de cultura (Laraia, 2001), definições de itens culturais específicos abordados por Aixelá (2013), os dois métodos de tradução estrangeirizante e domesticadora, propostos por Friederich Schleiermacher (1813 [2007]), revisadas por Lawrence Venuti (1995) e também discutidas por Paulo Henriques Britto (2013). Para estratégias de tradução mais específicas, como tradução de nomes próprios, topônimos e títulos, considero Clifford Landers (2001) e Peter Newmark (1981; 1988).

### 2.1. Estudos da Tradução: estudos descritivos, questões socioculturais

Com base nas ideias lançadas pelos formalistas russos na década de 1920, Itamar Even-Zohar (1990) expandiu a noção até então concebida dos estudiosos acerca de literatura. De uma área do conhecimento estática e fechada em si mesma, ele propôs que a literatura passasse a ser analisada como um sistema dentro de um sistema. De modo a enfatizar a multiplicidade de intersecções e a complexidade da estrutura, o “propósito [do termo polissistema] é tornar explícito o conceito de sistema como algo dinâmico e heterogêneo, em oposição ao enfoque sincronístico”<sup>1 2</sup> (EVEN-ZOHAR, 1990, p.12)

1 “make explicit the conception of a system as dynamic and heterogeneous in opposition to the synchronistic approach”.(tradução minha)

<sup>2</sup> Todas as traduções de trechos em inglês presentes neste trabalho são de minha autoria.

Para Even-Zohar (1990, p. 46) dentro do polissistema literário, as traduções se classificam como um subsistema, que podem estar tanto em posição central quanto periférica. (No caso específico de *The Blithedale Romance*, a tradução aqui proposta recai em posição periférica, pois não exercerá influência no sistema literário brasileiro já estabelecido, além de ser modelada de acordo com normas já estabelecidas (EVEN-ZOHAR, 1990, p.48). Ilustrarei essa concepção nos Exemplos 1 e 3 da subseção 3.2.1, em que espelho uma estratégia tradutória presente na tradução de Guilherme Braga (2012) em sua tradução de *The Scarlet Letter* de Nathaniel Hawthorne para o português.

Neste trabalho, utilizo o esquema descritivo de tradução literária proposto por Lambert e Van Gorp (1985). As quatro etapas desse esquema apresentadas no artigo *On describing translations*, são as seguintes:

1. Dados preliminares, com foco na análise da capa, para verificar a presença do nome do autor, tradutor, indicação do gênero, etc., metatextos, em que se analisa elementos como prefácio e disposição de notas de rodapé, caso haja, e a estratégia geral (se é uma tradução parcial ou completa).

2. Macroestrutura, onde se analisa a divisão do texto (capítulos no caso de prosa, atos/cenas no drama e versos na poesia), títulos de capítulos, relação entre tipos de narrativa, estrutura interna da narrativa, e comentários do autor ou instruções de palco.

3. Microestrutura, em que há análise das trocas em nível fônico, gráfico, micro-sintático, léxico-semântico, estilístico, elocucional e modal, por exemplo: seleção de palavras, padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais, reprodução das formas de discurso, perspectiva e ponto de vista, níveis de linguagem.

4. Contexto sistêmico, em que se analisa as oposições entre os níveis micro e macroestruturais, relações intertextuais e relações intersistêmicas.

Nesse sentido, baseando-me no esquema de análise descritiva proposto por Lambert & Van Gorp (1985), apresento os dados preliminares de *The Blithedale Romance*. Por questões de falta de disponibilidade da obra em mídia física, o texto dos três capítulos utilizados nesse trabalho foi retirado da versão online disponibilizada no website do Projeto Gutenberg. Ele apresenta um *disclaimer* por parte do Projeto, com informações autorais e para uso do texto, sua data de postagem e disponibilização no site. Mais adiante, há os créditos para as pessoas

responsáveis pela produção do material disponibilizado, em seguida o título e nome do autor. Não há prefácio nem notas de rodapé do autor.

Logo abaixo dessas informações, há um sumário listando os capítulos com a possibilidade de clicar nos *hyperlinks* que direcionam para os respectivos capítulos. Ao fim do documento, temos blocos de textos referentes a instruções para nomeação do arquivo no site, além de informações acerca de direito de distribuição do arquivo.

É importante destacar que todas as páginas indicadas no corpo deste Projeto Final referem-se à numeração de páginas presentes na versão em *epub* da obra, consultada em computador. Essa numeração está sujeita a alterações ao consultar a versão *epub* em outros dispositivos.

No nível macroestrutural, *The Blithedale Romance* está dividida em 29 capítulos, sendo os três aqui analisados intitulados de “Old Moodie”, “Blithedale” e “A Knot of Dreamers”. A narrativa é composta de descrições dos acontecimentos a partir do narrador personagem e diálogos, sendo os últimos menos frequentes.

No nível microestrutural, a obra é narrada em primeira pessoa por um narrador personagem, e a modalidade de linguagem predominante é a culta, (exceto um ou outro personagem), e a maioria é de classe social abastada.

Por fim, o contexto sistêmico da obra compreende o período conhecido como Renascença Americana, que será explicado com mais detalhes na seção seguinte. No momento, basta dizer que esse momento da literatura americana abarcou grandes nomes como Melville, Emerson, Thoreau e Whitman, além do próprio Hawthorne. Partindo da noção de polissistema proposta por Itamar Even-Zohar (2000), é válido afirmar que, para Hawthorne, ser reconhecido junto com grandes autores como os “Cinco Grandes da Renascença Americana” lhe rende uma posição central dentro do polissistema literário norte-americano.

Por outro lado, aqui no Brasil o autor é mais conhecido pela obra *The Scarlet Letter* (1850). Desse modo, uma tradução da obra *The Blithedale Romance* (1852) demoraria para alcançar uma posição central no nosso polissistema literário de literatura norteamericana traduzida assim como os outros romances de Hawthorne.

De acordo com o levantamento feito por Denise Bottman (2013) no seu artigo “Hawthorne no Brasil”, podemos observar que *The Scarlet Letter* (1850) é o seu romance mais retraduzido ao longo do período analisado (1942 – 2012), contando com seis retraduições. Ele é seguido por *The House of Seven Gables* (1851), cujo título varia a depender

da tradução e *The Marble Faun* (1860). *The Blithedale Romance* (1852) é, dentre os seus quatro grandes romances, o único que não teve tradução. Uma hipótese seria que editoras brasileiras não tiveram interesse na obra até então devido a sua suposta baixa vendagem e, portanto, a tradução ocuparia no Brasil uma posição periférica.

No âmbito acadêmico, é válido notar que o próprio autor não tem tanta visibilidade no Brasil, o que foi constatado após uma simples pesquisa nos principais mecanismos de busca a respeito de pesquisa acadêmica, como Google Acadêmicos, ScieLo e o Banco de Teses da USP. Não há muitos trabalhos sobre Nathaniel Hawthorne, e dos poucos disponíveis, nenhum trata especificamente do autor dentro dos Estudos da Tradução, salvo o trabalho de Bottman (2013), que envereda pela História da Tradução no Brasil.

### 2.1.2 Tradução e cultura

Em seu artigo, *A (im)possibilidade da Tradução Cultural* (2002), Ana Isabel Borges e Marildo José Nercolini afirmam, fazendo um paralelo com *A Tarefa do Tradutor* de Walter Benjamin, que “o essencial da cultura não é o enunciado que se comunica, mas aquilo que excede a comunicação”.

Com isso, gostaria de introduzir este tópico questionando o que se entende por cultura.

Segundo Roque de Barros Laraia (2001), durante muito tempo acreditou-se que a cultura era biologicamente determinada, ou seja, características culturais eram transmitidas geneticamente. Por exemplo, o determinismo biológico afirma que os judeus são avarentos e os brasileiros são preguiçosos. Nos dias de hoje essa noção já foi ultrapassada, e é consenso entre os antropólogos que não há “correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais.” (KEESING apud LARAIA, p. 17)

Embora ainda haja pessoas que acreditem nessas ideias e utilizem-nas de modo preconceituoso, de acordo com Laraia (2001), o conceito de cultura utilizado atualmente advém da definição postulada por Edward Tylor no século XIX: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR apud LARAIA, p. 25)

Poderíamos dizer que tal afirmação bastaria para entendermos cultura, porém, após essa definição de Tylor várias outras surgiram, fato que, segundo Laraia (2001), contribuiu para

confundir antropólogos de diversas gerações. Contudo, para os propósitos deste Projeto Final, basta nos atermos a algumas ideias sobre cultura que dialogarão com aspectos do processo tradutório, que será apresentado no Capítulo 3.

A primeira ideia a ser considerada é a de Ruth Benedict. Segundo Laraia (2001, p.67), para essa autora “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.

A segunda ideia foi retirada do texto *What is culture? A Compilation of quotations* (2012), de Helen Spencer-Oatey. Spencer-Oatey (2012) apresenta inicialmente algumas definições de cultura. Em seguida, expõe doze características<sup>3</sup> importantes a respeito de cultura, citando diretamente autores de sua escolha, como Gary Ferraro (1998), Kevin Avruch (1998) e Geert Hofstede (2001). Após isso, a autora apresenta aspectos relevantes para se considerar quando se estuda cultura. Para os objetivos deste trabalho, destaquei a característica número cinco: *cultura está associada a grupos sociais*, pois ela nos remete à noção de que tanto a cultura da língua de chegada quanto a cultura da língua de partida estão associadas a grupos sociais diferentes, mas que possuem alguns pontos de intersecção graças ao imperialismo cultural dos Estados Unidos. Essa questão será discutida em breve.

Segundo Ferraro (1998, p.16),

cultura é *compartilhada* por, pelo menos, duas ou mais pessoas, e é óbvio que sociedades reais são sempre maiores do que isso. Em outras palavras, não existe algo como a cultura de um eremita. Se um único indivíduo pensa e se comporta de determinada maneira, aquele pensamento ou ação é idiossincrático, e não cultural. Para que uma ideia, coisa ou

<sup>3</sup> As doze características listadas, em ordem: 1. Culture is manifested at different layers of depth; 2. Culture affects behaviour and interpretations of behaviour; 3. Culture can be differentiated from both universal human nature and unique individual personality; 4. Culture influences biological processes; 5. Culture is associated with social groups; 6. Culture is both an individual construct and a social construct; 7. Culture is always both socially and psychologically distributed in a group, and so the delineation of a culture’s features will always be fuzzy; 8. Culture has both universal (etic) and distinctive (emic) elements; 9. Culture is learned; 10. Culture is subject to gradual change; 10. Culture is subject to gradual change; 11. The various parts of a culture are all, to some degree, interrelated; 12. Culture is a descriptive not an evaluative concept.

comportamento sejam considerados culturais, eles devem ser compartilhados por algum tipo de grupo social ou sociedade.<sup>4</sup>

A partir dessa definição, pretendo ressaltar as diferenças entre a cultura de partida e a cultura de chegada. *The Blithedale Romance* é um romance representativo da sociedade contemporânea de Hawthorne. O tema da obra, publicada em 1852, ressoa com acontecimentos presentes na época em que ele se encontrava, isto é, havia muitos projetos de comunitarismo que começavam e acabavam naquele tempo – o próprio autor fez parte de Brook Farm, uma sociedade utópica, por alguns meses. Além disso, a sociedade americana estava passando pelo período do *antebellum*, ou do pré-guerra, que vai dos idos de 1830 até 1861, com a eclosão da Guerra Civil. (REYNOLDS, 2011)

A cultura de chegada, na qual se insere minha proposta de tradução, situa-se a pouco mais de um século e meio de distância do original, além da diferença geográfica. Nesse sentido, a cultura de chegada – pertencente a um público leitor brasileiro do século XXI – desconhece esse cotidiano permeado de ideologias utópicas que buscavam uma sociedade ideal. Além disso, há a diferença estritamente cultural, pois o modo de pensar, falar, se portar, os interesses e ambições das pessoas, hoje em dia, certamente não são os mesmos da sociedade norte-americana residente em Salem, Massachussetts, no período do *antebellum*.

Portanto, é importante ressaltar a diferença temporal e espacial da cultura de partida e de chegada, destacando em especial o contexto histórico por trás da obra *The Blithedale Romance*. Por outro lado, a cultura norte-americana não está tão distante de nós. De acordo com Paulo Henriques Britto (2011, p.137),

as obras que traduzimos são, na maioria das vezes, produtos de culturas que ocupam uma posição relativamente central na civilização ocidental, em que nós, brasileiros, nos situamos na periferia. Isso significa que, se por um lado o leitor francês ou inglês ou norte-americano ou alemão conhece relativamente pouco a respeito da nossa cultura, o leitor brasileiro, que por ser leitor já pertence, por definição, a uma

4 “Culture is shared by at least two or more people, and of course real, live societies are always larger than that. There is, in other words, no such thing as the culture of a hermit. If a solitary individual thinks and behaves in a certain way, that thought or action is idiosyncratic, not cultural. For an idea, a thing, or a behavior to be considered cultural, it must be shared by some type of social group or society”.

elite nacional em termos de nível de instrução, tem um conhecimento razoável das culturas centrais.

Portanto, partindo do pressuposto de que o público leitor brasileiro já tem um mínimo de familiaridade com a cultura norte-americana, podemos dizer que existe certo nível de proximidade entre a cultura de partida e a cultura de chegada a despeito das diferenças de cunho temporal e sócio-histórico.

A questão do grau de proximidade entre as culturas e de que maneira isso norteará a tradução será abordada mais adiante.

### **2.1.3 Itens Culturais Específicos de Tradução**

Em *Itens Culturais Específicos de Tradução*, Aixelá (2013) cita algumas estratégias de tradução a partir de exemplos retirados de textos literários, levando em consideração o contexto cultural da Língua de Partida e da Língua de Chegada. Quanto aos aspectos culturais citados pelo autor, considerarei a diversidade cultural para discutir o processo tradutório.

Sobre o processo de tradução, Aixelá (2013, p.186) afirma que “sua historicidade caminha junto à noção de linguagem e à noção do *outro* que cada comunidade linguística tem tido ao longo de sua existência”. A partir dessa noção, o autor prossegue afirmando que há “um equilíbrio instável de poder, [...] que dependerá em grande parte do peso relativo da cultura exportadora e de como ela é sentida na cultura de chegada”.

É tomando a cultura exportadora como ponto de partida que podemos estabelecer o modo como o texto será traduzido. No caso de *The Blithedale Romance*, é um texto situado no polissistema literário norte-americano, que exporta na tradução um grande número de seus textos literários para serem publicados no Brasil. Nesse sentido, Aixelá afirma que a cultura anglo-saxônica exerce uma influência esmagadora na maioria dos canais da mídia popular na Espanha, e o caso também aplica-se ao Brasil. Basta observar o número de filmes norte-americanos em cartaz em relação aos nacionais, e quantos livros traduzidos da língua inglesa estão disponíveis nas grandes redes de livraria. Portanto, se aplicássemos as duas primeiras leis de traduzibilidade de Even-Zohar, é lógico pensar que o “grau de traduzibilidade” entre a cultura norte-americana e a brasileira é alto, pois há bastante contato entre as tradições textuais. Nesse caso, é possível dizer que *The Blithedale Romance* requer menos manipulação para ser aceita na cultura de chegada.

Por outro lado, é válido lembrar do fator historicidade. Por mais que o leitor brasileiro esteja familiarizado com muitos aspectos socioculturais norte-americanos, *The Blithedale Romance* foi um romance escrito na metade do século XIX, e seu discurso está historicamente marcado no tempo e no espaço. Portanto, esse aspecto afeta completamente o modo como o tradutor deve se posicionar diante do texto, pois ele deve escolher se levará o texto ao leitor, ou o leitor até o texto.

Quanto aos Itens Culturais Específicos, Aixelá (2013, p.192) os define como

o resultado de um conflito vindo de qualquer referência representada linguisticamente em um texto fonte que, quando transferido para a língua alvo, constitui um problema de tradução em virtude da inexistência ou do diferente valor (tanto determinado pela ideologia, uso, frequência, etc.) do item dado na cultura da língua alvo.

A partir dessa definição, Aixelá também estabelece duas categorias básicas para os Itens Culturais Específicos sob o ponto de vista do tradutor, que são os nomes próprios e as expressões comuns, esta última referindo-se a “objetos, instituições hábitos e opiniões restritos a cada cultura e que não podem ser incluídos no campo dos nomes próprios” (ibid., p.194). Essas duas categorias abarcam os exemplos a serem discutidos no capítulo 3 desse trabalho assim como as estratégias de tradução adotadas, cujos níveis de manipulação cultural variam entre menor e maior grau.

A respeito das diferenças entre a cultura da língua de chegada e da língua de partida, podemos afirmar que a escolha do tradutor mencionada anteriormente está entre a oposição postulada por Gideon Toury como “ler como *um* original e ler como *o* original”, ao que Aixelá adiciona a questão da dupla tensão (representar o texto fonte ou portar-se como texto autônomo) e sua importância para definir a estratégia geral da qual o tradutor parte.

#### **2.1.4 Domesticação e estrangeirização**

Em seu texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, escrito em 1813 no âmbito de uma conferência a ser apresentada em Berlim, Fredrick Schleiermacher discute dois métodos

de tradução, que ele chama de paráfrase e imitação. Essa dicotomia gira em torno da decisão do tradutor de levar o autor ao leitor ou o leitor ao autor. Recentemente, na década de 1990, Lawrence Venuti (1995, p. 20) irá revisitar esses conceitos e passa a utilizar os termos “estrangeirização” e “domesticação”:

Admitindo (com qualificações do tipo “tanto quanto possível”) que a tradução nunca se adequará completamente ao texto estrangeiro, Schleiermacher permitiu que o tradutor escolhesse entre um método domesticador, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor para casa, e um método estrangeirizante, uma pressão etnodesviante nesses valores de modo a registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, levando o leitor para o exterior<sup>5</sup>.

Crítico à ideia de “invisibilidade” do tradutor, Venuti (1995, p.17) afirma que o motivo de seu livro *The Translator’s Invisibility* é tornar “o tradutor mais visível de modo a resistir e mudar as condições sob as quais a tradução é praticada e teorizada atualmente, especialmente em países de língua inglesa.” Mesmo que o autor esteja falando de traduções feitas para o inglês, podemos aplicar a crítica no caso de uma tradução feita tendo como língua de partida o inglês, para uma língua de partida periférica, nesse caso o português do Brasil. Acerca dessa questão, tratarei nas próximas linhas.

Britto (2010, p.37) afirma que o tradutor tende a optar por uma tradução domesticadora quando ela é destinada a um público com baixo conhecimento da cultura da língua de partida, e “que provavelmente não estaria interessado em fazer um esforço maior de se informar a respeito delas”. Tampouco é um leitor disposto a ler introduções e notas de rodapé, levando o tradutor a levar o universo do texto até o leitor. Em contrapartida,

se um livro naturalmente exige uma certa sofisticação intelectual para ser consumido, o tradutor pode pressupor que seu leitor fará de bom grado o esforço necessário para

<sup>5</sup> “Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad”

transportar-se a uma outra cultura, e desse modo produzirá um texto mais estrangeirizado. (BRITTO., p.37)

Diante dessas abordagens tradutórias, retomo a discussão apresentada anteriormente, acerca do nível de proximidade entre a cultura de partida e a de chegada. Como o público leitor brasileiro está muito provavelmente familiarizado com a cultura norte-americana, já que ela ocupa uma posição central no Ocidente, a abordagem tradutória escolhida, para este trabalho, opera em nível de domesticação e de estrangeirizando, buscando equilibrar os dois lados.

Contudo, vale lembrar que estamos lidando com a tradução de uma obra proveniente de uma cultura central para uma cultura periférica e, ao fazer minhas escolhas tradutórias levei em consideração as implicações dessa troca. Partindo da noção postulada por Britto (2010) de que o tradutor é um mediador cultural, foi necessário pensar no meu papel como tradutora-mediadora. Segundo Britto (2010, p.138), “todo ato de tradução é, necessariamente, uma forma de falsificação. [...] Uma falsificação anunciada, sem dúvida, mas assim mesmo uma falsificação.” Se domesticado em demasia, o texto iria se mesclar demais à cultura de chegada e soaria como uma falsificação desmedida. Por outro lado, uma abordagem totalmente estrangeirizante, em que eu optasse por manter todos os nomes de lugar e sistema de medidas como no inglês, correria o risco de reforçar o já dominante colonialismo cultural. De acordo com Britto (p.138), seria um reforço “[da] invasão cultural do inglês em terras brasileiras”.

Assim, minha estratégia geral de tradução foi norteadada pelo princípio de não favorecer elementos da cultura central, e nem de domesticar demais, para não cair na falácia dessa dita falsificação.

### 3. O PROCESSO TRADUTÓRIO

Nesta seção é apresentado o contexto sócio-histórico no qual se situam Nathaniel Hawthorne e sua obra literária. São abordadas também algumas ideias referentes as suas motivações e ao seu estilo como escritor com base em autores como David Reynolds (2011) e Milton Meltzer (2006). Em seguida, são discutidos, no âmbito das escolhas tradutórias, as estratégias concernentes à tradução de títulos, nomes próprios e topônimos com respaldo teórico de Clifford E. Landers (2001) e Peter Newmark (1988). Depois são apresentados trechos de texto para exemplificar estratégias de tradução adotadas na tradução dos três primeiros capítulos da obra *The Blithedale Romance* de Nathaniel Hawthorne. Esses Exemplos estão dispostos em formato de tabela, com duas colunas e com as justificativas tradutórias logo abaixo.

Para o processo de tradução, utilizei um processador de textos, sem ferramentas especiais de auxílio à tradução. Consultei dicionários da língua portuguesa, além de dicionários de língua inglesa e um tesouro online para esclarecer dúvidas quanto ao original. Também consultei o dicionário visual SBS para esse mesmo propósito.

#### 3.1 A Renascença Americana

Termo cunhado na década de 1940 pelo crítico literário F. O. Matthiessen<sup>6</sup>, a Renascença Americana referia-se ao conjunto dos grandes autores que dominaram o cenário literário na metade do século XIX. Eram eles: Emerson, Thoreau, Hawthorne, Melville, Poe e Whitman. Contudo, o conceito de Renascença Americana foi expandido nos últimos anos, de modo que há maior representação de escritores dentro desse recorte literário, além daqueles canonizados por Matthiessen (KNIGHT, 2003).

<sup>6</sup> Na obra *American Renaissance Art and Expression in the Age of Ermerson and Whitman*, publicada em 1941, pela Oxford University Press.

Para os propósitos deste Projeto Final, basta esclarecer que esse período abarca, aproximadamente, os anos de 1830 até a eclosão da Guerra Civil em 1861.

### **3.1.1 Nathaniel Hawthorne, caçador de pecados**

Nascido em julho de 1804 na cidade de Salém, Massachussets, Nathaniel Hawthorne levou uma vida de culpa, mas não por causa de feitos seus. Milton Meltzer (2006), em sua biografia de Hawthorne, afirma o autor carregou durante toda a vida a culpa pelas atrocidades cometidas pelos seus ancestrais, William e o Juiz John Hawthorne, durante o período do Julgamento das Bruxas de Salém.

De acordo com Meltzer (2006), os descendentes de Hawthorne, nunca conseguiram alcançar posições de destaque, pelo contrário, eles se tornaram esquecidos, e Hawthorne acreditava na lenda de que isso se deu devido a uma maldição lançada por uma bruxa prestes a ser enforcada.

Assim, segundo Meltzer (2006, p.14) “não há evidências de que William e John Hawthorne sofreram de dor na consciência. Mas Nathaniel carregou a culpa deles, e seu coração atormentado passou a influenciar sobre o que ele escrevia, e como ele o fazia.”.

Segundo Reynolds (2011), o escritor, professor, filósofo e defensor da reforma social Bronson Alcott (1799-1888), afirmou que Hawthorne era um “reformista purificador que estudava o mal apenas para erradicá-lo”; além disso, para Alcott, Hawthorne era “*ótimo com pecado*; ele farejava um pecador melhor do que qualquer americano que eu conhecia” (Alcott apud Reynolds, p.117) (grifo do autor).

Essa gana de Hawthorne de caçar pecadores relaciona-se diretamente com os atos de seus antepassados, reforçando o fato de que muitos temas de seus escritos e seu próprio estilo de escrita foram influenciados pelo sentimento de culpa, que tornara o tom de muitos de trabalhos melancólico. Como exemplo, pode-se citar *The Scarlet Letter*, que é considerado o seu romance mais melancólico. Reynolds (2011, p.121) destaca que o “próprio Hawthorne

indicou várias vezes que considerava o romance extremamente melancólico, tanto que ele implorou para que o editor o publicasse em um volume junto com histórias mais leves”<sup>7</sup>.

### **3.1.2 O estilo subversivo**

De acordo com Reynolds (2011), durante os anos que antecederam a Guerra Civil (1861-1865) nos Estados Unidos, para autores como Emerson, Thoreau e Whitman, os escritos de reforma popular serviram de base para as redefinições individualistas de reforma, como resultado do apagamento das “categorias padrões de ética [...] pelos conflitos morais que se intensificavam na sociedade do pré-guerra.”<sup>8</sup> (REYNOLDS, 2011, p.113). Contudo, para Hawthorne (e Melville), o significado de reforma era ligeiramente diferente. Esses autores tinham noção, tanto quanto os três primeiros, dos conflituosos impulsos reformistas. Por outro lado, o interesse deles jazia na descoberta de correlações artísticas para suas ambiguidades, muito mais do que na redefinição de reforma.

Nesse sentido, Reynolds (2011) afirma que temas que exploravam a fluidez entre virtude e vício estão presentes nos melhores trabalhos de Hawthorne e Melville. Quanto à questão da moral na obra de Hawthorne, o autor afirma que ela fora amplamente reconhecida, porém não totalmente explorada no contexto de seu tempo. Embora críticos como Henry James tenham percebido que Hawthorne detinha profundo conhecimento tanto acerca do mal nos homens quanto preocupação em relação às questões morais, ele falhara em explicar como isso havia sido socialmente determinado.

### **3.1.3 Temas chave na obra de Hawthorne: a moral e a contemporaneidade**

Como já mencionado anteriormente, Henry James fora incapaz de discorrer sobre a maneira como o meio social havia determinado o profundo conhecimento de Hawthorne

<sup>7</sup> “Hawthorne himself indicated several times that he considered the novel extremely gloomy, so much that he begged his publisher to issue it in a volume containing brighter tales as well”.

<sup>8</sup> “[...] standard ethical categories had been erased by the intensifying moral wars in antebellum society.”

acerca do mal humano e o “cuidado assombroso acerca das questões morais” (James *apud* Reynolds, 2011, p. 113).

De acordo com Reynolds (2011, p.113), esse aspecto fica claro para críticos posteriores a James que, em geral,

atribuíram a melancolia moral de Hawthorne a sua reinterpretação inovadora de doutrinas puritanas sombrias, compelida por sua culpa – e atração perversa – devido à vários crimes (desde rigorosa intolerância religiosa até incesto) cometidos pelos seus ancestrais.<sup>9</sup>

Segundo o autor, ao transforma em ficção as suas obsessões, Hawthorne valeu-se de elementos retirados da sua sociedade contemporânea, em especial a retórica de uma cultura de reforma, permeada de paradoxos bastante conhecidos e discutidos pelo autor. Reynolds (2011) afirma que Julian, filho de Hawthorne, lembrava-se que seu pai lia romances para relaxar, mas *estudava* a sério jornais e revistas populares”. Segundo Reynolds (2011, p.114),

o próprio Hawthorne escreveu que a grande literatura tem muito em comum com os escritos mais efêmeros e a única maneira de produzir ficção duradoura é “viver verdadeiramente e sabiamente em seu próprio tempo, de modo que se a força nativa estiver em você, poderá igualmente viver pela posterioridade!”<sup>10</sup>

Em 1841, Nathaniel Hawthorne deixa para trás Brook Farm como uma experiência comunitária frustrada. Segundo Reynolds (2011), na década de 1840 vários movimentos semelhantes falharam em seguir seus projetos reformistas, e *The Blithedale Romance* segue essa mesma lógica: Hawthorne critica o comunitarismo ao expor as contradições e ambiguidades das pessoas que acreditavam estar empreendendo um grande feito para

9 “Critics since James have generally attributed Hawthorne’s moral gloom to his innovative reinterpretation of dark Puritan doctrines, impelled by his guilt about – and perverse attraction to – various crimes (from harsh religious intolerance to incest among his own ancestors”).

10 “Hawthorne himself wrote that great literature has much in common with the most ephemeral writings and that the only way to produce enduring fiction is “to live truly and wisely for your own age, whereby, if the native force be in you, you may likewise live for posterity!”

reformular a humanidade. É com essa obra que Hawthorne deixa o tema do puritanismo para trás e foca nos temas da contemporaneidade.

De acordo com Reynolds (2011, p.129), a empreitada ficcional de Blithedale, que teve o mesmo destino de Brook Farm, não foi baseada na experiência do autor nessa comunidade. O autor menciona que o próprio Hawthorne, em uma carta para um amigo, pede que ele encare a leitura da obra como algo apartado de Brook Farm, pois o que as duas têm em comum é ser o cenário representativo de problemas maiores originados nos movimentos de reforma no período pré-guerra e na pseudociência. *The Blithedale Romance* tem um propósito diferente, de “virar de ponta cabeça essas imagens felizes de êxtase utópico. Sua missão auto-designada parecer ser de rasgar todas as pretensões utópicas de fraternidade e propósitos nobres<sup>11</sup>”.

Em outras palavras, podemos dizer que Hawthorne buscou explorar as consequências morais e psicológicas da reforma fragmentada, ao passo que solapou visões de irmandade e unidade. Além de refletir sobre o destino trágico de comunidades Associacionistas, Hawthorne também satirizou deliberadamente romances populares como *Henry Russel*<sup>12</sup> (1846), nos quais tais comunidades eram idealizadas. (2011, p.129)

Em *Blithedale Romance*, afirma Reynolds (2011, p.127) também se evidencia que a “fragmentação e superficialidade de movimentos modernos de reforma não se tornam apenas o tema principal de Hawthorne, mas está também inerente ao seu próprio estilo<sup>13</sup>”.

### 3.1.4 The Blithedale Romance: a obra

Como já foi mencionado anteriormente, é em *The Blithedale Romance* que Nathaniel Hawthorne aborda os temas concernentes à sociedade contemporânea. Seu objetivo é expor as ambiguidades morais dos reformistas que povoam a comunidade utópica de Blithedale (REYNOLDS, 2011).

11 “[Hawthorne] overturns such blithe pictures of utopian bliss. His self-appointed missions seems to be to rip apart all utopian pretenses to brotherhood and noble purpose.”

<sup>12</sup> *Henry Russel* retrata uma comunidade utópica feliz na qual a competição deu lugar ao associacionismo, homens e mulheres escolhem seus próprios empregos e a vida no falanstério principal é adocicada pelo som de uma harpa eólica.(Reynolds, 2011, p. 129)

13 “the fragmentation and superficiality of modern reform movements becomes not only Hawthorne’s main topic but is also embodied in the very style”.

Nos três primeiros capítulos dessa obra, escolhidos para tradução, pode-se observar o poeta, Miles Coverdale, narrando os acontecimentos que antecederam sua partida para Blithedale até o jantar pouco depois de sua chegada. Neles, Hawthorne já satiriza, através da narração de Coverdale, como o impulso reformista queria tomar para si a tarefa de mudar o mundo.

Sometimes, encountering a traveller, we shouted a friendly greeting; and he, unmuffling his ears to the bluster and the snow-spray, and listening eagerly, appeared to think our courtesy worth less than the trouble which it cost him. The churl! He understood the shrill whistle of the blast, but had no intelligence for our blithe tones of brotherhood. This lack of faith in our cordial sympathy, on the traveller's part, was one among the innumerable tokens how difficult a task we had in hand for the reformation of the world. (Hawthorne, 1852, p.10)

Às vezes, ao encontrar um viajante, gritávamos uma saudação amigável e ele, que retirava os abafadores de orelha para nos ouvir, ficando à mercê da tormenta e dos jatos de neve, parecia achar que nossa cortesia valia menos que o trabalho que ele tivera para ouvi-la. O chucro! Ele compreendia o assovio estridente da rajada, mas carecia de inteligência pra nossos alegres tons fraternos. Essa falta de fé na nossa simpatia cordial por parte do viajante era um dos muitos sinais da nossa difícil tarefa de reformar o mundo. (Tradução, Viana, 2016)

À medida que o romance avança, Coverdale percebe que o filantropo Hollingsworth dá início a uma espécie de triângulo amoroso ao brincar com os interesses românticos de Zenóbia, uma mulher vigorosa, segura de si e cheia de vitalidade, e de Priscilla, uma jovem de aspecto frágil que tem um estranho afeto por Hollingsworth e admira Zenóbia. A ambiguidade moral de Hollingsworth evidencia-se ainda mais quando, no capítulo XI, um estranho chega em Blithedale à procura de Zenóbia, e faz a seguinte descrição de Hollingsworth:

"[...] He hammers away upon his one topic as lustily as ever he did upon a horseshoe! Do you know such a person?" I shook my head, and was turning away. "Our friend," he continued, "is described to me as a brawny, shaggy, grim, and

ill-favored personage, not particularly well calculated, one would say, to insinuate himself with the softer sex. Yet, so far has this honest fellow succeeded with one lady whom we wot of, that he anticipates, from her abundant resources, the necessary funds for realizing his plan in brick and mortar!" (Hawthorne, 1852, p.84)

“[...] Ele martela em seu único assunto com tanto vigor quanto faria em uma ferradura! Você conhece uma pessoa assim?” eu balancei a cabeça, e estava me virando, “Nosso amigo”, ele continuou, “me foi descrito como um sujeito corpulento, desganhado, melancólico e desagradável, diria até não muito preparado para se insinuar para o outro sexo. Ainda assim, esse sujeito honesto obteve sucesso com a senhora que mencionamos, cujos recursos abundantes ele planeja utilizar como fundos necessários para realizar seu plano com tijolo e argamassa! (Tradução, Viana, 2016)

Essa revelação deixa Coverdale – e o leitor, por conseguinte – desconfortável. Como a história em si nada tem de alegre, apesar do título, o leitor verá, no desenrolar da história, que a tensão chegará a tal ponto que Zenóbia, ao ser rechaçada por Hollingsworth quando ele escolhe Priscilla – além do fator agravante de que Zenóbia não possui mais sua fortuna, - comete suicídio.

Assim, é possível perceber até que ponto Hawthorne leva a ambiguidade moral em um personagem como Hollingsworth: obcecado com a filantropia, tem planos igualmente obsessivos de construir uma instituição para reformar foras da lei. Para isso, não hesita em brincar com os sentimentos de uma mulher, a fim de contrair matrimônio apenas para angariar fundos que possibilitem a construção de tal instituição.

### **3.2 Discussão do processo tradutório: aspectos gerais**

Nesta seção são discutidas questões mais gerais como a tradução de nomes próprios, geográficos (topônimos) e a tradução de títulos, todas elas seguidas por exemplos retirados da proposta de tradução dos três capítulos do romance *The Blithedale Romance*. Em seguida,

serão abordados aspectos mais específicos, com exemplos de problemas encontrados e as soluções adotadas com respaldo da fundamentação teórica exposta no Capítulo 2.

Em relação aos nomes próprios, Theo Hermans (apud Aixelá 2013, p.95) cria duas categorias para classificá-los: nomes carregados e convencionais. Na primeira categoria, esses nomes “variam de nomes e apelidos vagamente sugestivos a notoriamente ‘expressivos’”. A segunda categoria compreende os nomes comuns, sem significado próprio, que não vão “além das analogias textuais ou intertextuais possíveis que os autores – infelizmente para os tradutores - tendem a ativar” (Aixelá, 2013, p.95).

Segundo Aixelá (2013), a tendência hoje em dia é a de manter os nomes próprios como estão, seja repetindo, transcrevendo ou transliterando, à exceção de traduções pré-estabelecidas baseadas em tradição.

Sobre esse assunto, Newmark (1988) indica que nomes e sobrenomes devem ser transferidos, de modo a preservar sua nacionalidade, uma vez que esses nomes não tenham nenhuma conotação no texto. Reforçando a ideia de Aixelá, as exceções são os nomes de santos e monarcas, que às vezes são traduzidos. Assim, à exceção de “Priscilla”, destaco os nomes próprios e sobrenomes que ocorreram nos três primeiros capítulos de *The Blithedale Romance*, e como ficaram na minha proposta de tradução.

<b>Texto de partida</b> <b>(Hawthorne, 1852)</b>	<b>Texto de chegada</b> <b>(Viana, 2016)</b>
Coverdale	Coverdale
Moodie	Moodie
Hollingsworth	Hollingsworth
Zenobia	Zenóbia
Priscilla	Priscilla

Como pode ser notado pela tabela, deixei todos os nomes como no original, exceto por *Zenobia*. A partir de uma pesquisa feita na ferramenta do IBGE “Nomes no Brasil”, constatei que esse nome também é usado no Brasil, embora seja pouco frequente<sup>14</sup>.

Como já afirmado, tanto Hermans quanto Newmark recomendam prestar atenção em nomes “carregados” ou com conotação. Inicialmente, pensei que “Moodie” poderia estar entre esses nomes carregados devido a sua proximidade com a palavra “mood”. Contudo, uma rápida pesquisa na internet revelou que esse nome trata apenas de um sobrenome escocês, sem nenhuma conotação em especial. Essa classificação estende-se a “Coverdale” e “Hollingsworth”, portanto transferi os três, sem qualquer alteração.

Destaquei o nome da personagem Priscilla, que é apresentada somente no capítulo 4, para mostrar que ao contrário de *Zenobia*, que demarca sua distância temporal em relação à cultura da língua de chegada. Priscilla é um nome perfeitamente comum na língua de partida, e que não requer nenhuma estratégia de tradução bastando sua transferência.

Topônimo, em sua definição no dicionário Michaelis, significa: 1. nome próprio de um lugar (região, cidade, vilarejo, local, logradouro público etc.). 2. origem de um nome geográfico.

Os nomes de lugar utilizados neste Projeto Final estão dispostos na tabela abaixo:

<b>Texto de partida</b> <b>(Hawthorne, 1852)</b>	<b>Texto de chegada</b> <b>(Viana, tradução, 2016)</b>
New England	Nova Inglaterra
Blithedale	Blithedale

Sobre a tradução de termos geográficos, Newmark (1988) chama a atenção do tradutor para que este não invente novos termos, e é de acordo com essa premissa que optei por não traduzir “Blithedale”. Essa escolha contudo, não foi fácil. A meu ver, trata-se de um nome

<sup>14</sup> Segundo os dados apresentados, o nome foi mais usado entre as décadas de 1940 e 1960, contando com pouco mais de 200 registros em cada década.

“carregado”, cuja possibilidade de tradução domesticadora seria “Vale Feliz”. Porém, aqui entra a questão da tradução de títulos, e sobre ela Clifford Landers (2001, p.140) observa que um título só deve ser mudado quando ele não pode permanecer como está. As causas dessa mudança seriam referentes às disparidades culturais, linguísticas, históricas ou geográficas entre a língua de partida e a língua de chegada.

A disparidade mais gritante é obviamente linguística, e quanto a isso considerei dois aspectos: o primeiro é que “Blithedale” não é um nome de lugar com tradução já estabelecida, e seguindo a recomendação de Newmark, preferi evitar a criação de novos nomes. O segundo aspecto é que “Vale Feliz” poderia incorrer no risco de iludir o leitor desavisado acerca do teor do romance. Dentro dessa questão, destaco ainda um fato a favor de uma tradução estrangeirizante para o título. Um possível público leitor de *The Blithedale Romance* no Brasil deve ter uma mínima noção da literatura norte-americana, bem como certo conhecimento dos temas tratados pelo autor da obra. Na ocasião de faltar tudo isso, sempre existirá a sinopse, que poderá acabar com qualquer dúvida acerca do conteúdo de *The Blithedale Romance*. Portanto, escolhi deixar Blithedale em todas as ocorrências, acreditando que a perda da sutil ironia no título não causaria grandes problemas para o público leitor brasileiro.

O mesmo dilema não se aplica a “New England”, a região em que o romance se passa. Como ambas as partes do nome já possuem tradução pré-estabelecida, a exemplo de “Nova Iorque e Inglaterra”, é preferível seguir a tradição e deixar o nome como “Nova Inglaterra”, como assinala Newmark (1981, p.72) para casos em que são nomes comumente usados: “outros nomes geográficos tendem a permanecer galicizados, anglicizados, italianizados, etc., uma vez que seu uso seja muito comum.”

### **3.2.1 Discussão do processo tradutório: aspectos específicos**

Nesta seção, são apresentados 16 exemplos da tradução que realizei de três capítulos de *The Blithedale Romance*. Esses exemplos ilustram diferentes problemas de tradução, como questões mais específicas do que aquelas apresentadas no tópico anterior. A maioria desses exemplos, contudo, apresentam Itens Culturais Específicos e as soluções encontradas ao vertê-los para o português.

**Exemplo 1**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
[...] she was a phenomenon in the mesmeric line.	[...] ela era um fenômeno no meio mesmérico.
(Hawthorne, 1852, p.4)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 1 a palavra “mesmeric” causou certa dúvida em um primeiro momento por causa de sua dupla significação em inglês, sendo a mais adequada até então desconhecida por mim. De acordo com a definição do dicionário online Merriam-Webster, “mesmeric” pode significar, além de “fascinante”, aquilo que é relativo ao mesmerismo. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1999:1322), o mesmerismo “foi uma teoria encabeçada pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer (1733-1815) segundo a qual todo ser vivo seria dotado de um fluido magnético capaz de se transmitir a outros indivíduos, estabelecendo-se, assim, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos.” Essa concepção certamente é a mais adequada, dado o contexto em que a frase é utilizada. Coverdale, o narrador-personagem, explica ao leitor quem foi a Dama Velada e o que ela fazia: “foi uma das primeiras que indicaram o nascimento de uma nova ciência, ou o ressurgimento de uma antiga fraude.” Portanto, para deixar claro o real sentido de mesmérico, optei por inserir uma nota de rodapé explicando do que se trata (reproduzida na definição dada acima).

Como já mencionado anteriormente, essa estratégia (que também foi utilizada no Exemplo 3) foi influenciada pela escolha do tradutor Guilherme Braga (2012) ao utilizar na sua tradução de *The Blithedale Romance*, notas de rodapé para explicar termos culturais que causariam dificuldade ao público leitor.

**Exemplo 2**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
[...] a beautiful young lady, of family and fortune, was enshrouded within the misty drapery of the veil.	[...] uma bela jovem de família abastada fora encoberta pelos drapeados brumosos do véu.

(Hawthorne, 1852, p.4)	(Tradução, Viana, 2016)
------------------------	-------------------------

No Exemplo 2, a palavra “drapery” me causou dúvidas porque já havia visto “drapejado” na tradução de 2012 de *A Letra Escarlata*, pela editora LP&M, enquanto o dicionário Aurélio (1999) indicava a palavra “drapeado” como tendo o mesmo sentido de “drapery”. Pensando tratar-se de uma grafia mais antiga da palavra, preferi deixar “drapeado”, como consta no dicionário. Aqui não há necessariamente um problema de tradução, mas sim a questão da existência de dupla grafia de uma palavra, e que tanto uma opção quanto outra não causam problemas de entendimento.

### Exemplo 3

Texto de partida	Texto de chegada
The response, by the bye, was of the true Sibylline stamp,—nonsensical in its first aspect, yet on closer study unfolding a variety of interpretations, one of which has certainly accorded with the event.	A resposta, por sinal, foi à moda das Sibilas <sup>15</sup> – desprovida de sentido em um primeiro momento, mas que após certo escrutínio revelara uma miríade de interpretações, e uma delas certamente estava de acordo com o evento.
(Hawthorne, 1852, p.5)	(Tradução, Viana, 2016)

Neste caso, uma tradução literal de “Sibylline stamp” não funcionaria; então a estratégia usada foi a universalização limitada a partir da frase “à moda das Sibilas” que traz o mesmo sentido. Achei necessário inserir nota de rodapé que segundo Aixelá (2013) constitui uma explicação extratextual, para explicar a função das Sibilas na sociedade greco-romana, partindo do pressuposto de que, em 2016, as pessoas em geral não têm tanto conhecimento da cultura clássica. A comparação que o personagem traça é interessante e relevante, pois a

15 Pertencentes à mitologia greco-romana, as Sibilas são descritas como mulheres que possuem poderes proféticos.

Dama Velada, segundo ele, havia agido como uma profetiza, predizendo algo que aconteceria nos capítulos futuros da obra – ressaltando que Coverdale começa a narrativa lembrando dos eventos que precederam sua chegada e estadia em Blithedale.

#### Exemplo 4

Texto de partida	Texto de chegada
I am only a poet, and, so the critics tell me, no great affair at that!	Sou apenas um poeta e, de acordo com as críticas, um poeta menor!
(Hawthorne, 1852, p.6)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 4, poderia ter traduzido “no great affair at that” por “não sou grande coisa” sem nenhuma perda de sentido, mas optei por “poeta menor”. O objetivo foi compensar a falta de correspondência em outra passagem do texto, criando uma referência a um item cultural brasileiro, que é o verso “sou poeta menor, perdoai!” do poema *Testamento* de Manuel Bandeira. Houve então um caso de criação autônoma, pois introduzi uma referência cultural presente apenas na cultura da língua de chegada (AIXELÁ, 2013, p. 200).

#### Exemplo 5

Texto de partida	Texto de chegada
Nobody else in the world, I am bold to affirm—nobody, at least, in our bleak little world of New England,—had dreamed of Paradise that day <b>except as the pole suggests the tropic</b>	Mais ninguém no mundo, atrevo-me a afirmar – ao menos no nosso mundinho sombrio da Nova Inglaterra, - havia sonhado com o Paraíso naquele dia <b>assim como o polo norte sugere o trópico.</b>
Hawthorne, 1852, p.7	Tradução, Viana, 2016

No Exemplo 5, a dificuldade jaz na tradução da expressão idiomática “except as the pole suggests the tropic”. Ao usá-la, o personagem quis dizer que se não fosse o “mundinho

sombrio da Nova Inglaterra”, ninguém sonharia com o Paraíso. Nesse caso, pensei em recorrer à eliminação do trecho, já que não pude encontrar uma expressão correspondente em português. Acabei por traduzir literalmente, modificando a estrutura para que fizesse sentido na língua de chegada e os leitores conseguissem compreender o significado da expressão, o que se caracteriza como explicitação (AIXELÁ, 2013, p.198).

### Exemplo 6

Texto de partida	Texto de chegada
<p>[...] there was still a bottle or two in the champagne basket and a residuum of claret in a box</p>	<p>[...] ainda havia uma garrafa ou duas no cesto de champagne e um resto de bordô tinto em uma caixa</p>
<p>(Hawthorne, 1852, p.8)</p>	<p>(Tradução, Viana, 2016)</p>

No Exemplo 6, considerei “claret” como uma palavra problemática porque não poderia traduzir literalmente e esperar que o público leitor médio soubesse que se trata de um vinho. Aqui, entende-se que ocorre uma tradução literal quando as construções da língua de partida são vertidas para seus correspondentes mais próximos da língua de chegada, sem muita consideração pelo contexto. (Newmark, 1988, p. 46). Pesquisando no Merriam-Webster online, observei que esse tipo de vinho vermelho é produzido em Bordeaux, na França, e optei pela tradução “bordô tinto”. A meu ver, colocar o nome do lugar de uma maneira aportuguesada ajudaria o leitor a associar o nome da bebida com seu tipo (de vinho), já que expressões como “vinho tinto de mesa bordô suave” são facilmente acessíveis para quem está familiarizado com vinhos.

De acordo com as estratégias propostas por Aixelá (2013), o que fiz aqui classifica-se como explicação intratextual seguida de adaptação ortográfica de “bordeaux” para “bordô”, que de certa forma é uma espécie de naturalização, já que é uma denominação conhecida para vinhos.

Newmark (1981) também chama este procedimento de naturalização, pois estamos galicizando um nome francês.

**Exemplo 7**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
coming down through an atmosphere of city smoke	descendo pela atmosfera fúmea da cidade
Hawthorne, 1852, p.9	Tradução, Viana, 2016

No Exemplo 7, traduzi “an atmosphere of city smoke” por “atmosfera fúmea da cidade”. Minha preferência aqui foi evitar a estratégia de tradução literal a fim de deixar a frase na língua de chegada mais fluida, pois o efeito buscado com a tradução foi de transmitir a sensação climática que a frase do original evoca.

Portanto, como o refere-se ao ar poluído da Nova Inglaterra sem usar esse termo diretamente, optei pela mesma estratégia na tradução, e preferi caracterizar a atmosfera como “fúmea”.

**Exemplo 8**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
But when we left the pavements, and our muffled <b>hoof-tramps</b> beat upon a desolate extent of country road	Mas quando deixamos a calçada, e o som abafado dos cascos dos cavalos atingiu uma porção desolada da estrada campestre
Hawthorne, 1852, p.9	Tradução, Viana, 2016

No Exemplo 8, a dificuldade consistiu no entendimento da palavra “hoof-tramps”. A priori, sabia que isso só podia estar relacionado aos cavalos, meio de transporte dos personagens, que possuíam cascos. Buscas em dicionários foram infrutíferas, mas achei, através da ferramenta Google Books, um trecho de um poema de William H. C. Hosmer, cujos versos “Loud and more loud, that hoof-tramp rung,/ Then paused a horseman in his race ajudaram na compreensão da palavra, pois realmente se tratava do som de cascos de cavalo.

**Exemplo 9**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
I maintain that this nitrous atmosphere is really exhilarating	Continuo dizendo que essa atmosfera carregada é bem revigorante
(Hawthorne, 1852, p.9)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 9, escolhi traduzir “nitrous atmosphere” por “atmosfera carregada” levando em consideração as possíveis interpretações para o termo no texto de partida. Nesse caso, considerei que o autor referia-se ao caráter poluído e carregado do ar da cidade já que no século XIX, a Nova Inglaterra possuía fábricas pertencentes à indústria têxtil, segundo a informação obtida no livro de Paul F. McGouldrick (1968). Portanto, é possível imaginar um conceito de ar poluído que as pessoas da época utilizariam do mesmo modo que podemos usar hoje no século XXI.

Considerei também outra interpretação, que a expressão “nitrous atmosphere” remetia ao ar frio do momento, já que os personagens cavalgavam debaixo de uma tempestade. Contudo, em minha pesquisa não pude estabelecer uma relação entre o nitrogênio (cuja aplicação pode ser refrigerar alimentos, dentre outras coisas), ou até mesmo o ácido nítrico (que além de contribuir com a destruição da camada de ozônio, se inalado pode causar euforia) com o tempo frio em que os personagens se encontravam.

Nesse sentido, fiz uso da ambiguidade do sentido do termo “carregada”, que poderia remeter tanto à poluição do ar quanto à tempestade como solução para o termo “nitrous”. De qualquer modo, no Exemplo 7 o autor já faz referência à poluição, ao utilizar o termo “city smoke”, que reforçaria a acepção de poluição.

**Exemplo 10**

<b>Texto de partida</b>	<b>Texto de chegada</b>
since these crooked and unmanageable boughs could never be measured into merchantable cords for the market	já que esses galhos tortos e intratáveis nunca poderiam atingir as medidas certas para serem vendidos

(Hawthorne, 1852, p.10)	(Tradução, Viana, 2016)
-------------------------	-------------------------

No Exemplo 10, temos mais um caso de ICE referente a sistemas de medida. O problema, nesse caso, consistiu em decidir como verter “merchantable cords” para a língua de chegada. “Cords”, segundo o dicionário online Merriam Webster, é uma expressão que refere-se às medidas específicas de um tronco a ser comercializado. É outro caso de ICE que não tem correspondente na língua de chegada. Recorri, então, ao procedimento de universalização absoluta, como proposto por Aixelá (2013), e optei por “medidas certas para serem vendidos”.

Newmark (1988) assinala que a decisão de converter ou transferir no caso de ficção depende da importância de destacar o fator regional. Minha opção de universalizar em vez de tentar transferir ou converter justifica-se pelo fato de não haver um correspondente de “cords” na língua de chegada, nem real necessidade de transferir, visto o pouco impacto da frase no contexto da obra.

### Exemplo 11

Texto de partida	Texto de chegada
<p>She was dressed as simply as possible, in an American print (I think the <b>dry-goods people</b> call it so), but with a silken kerchief, between which and her gown there was one glimpse of a white shoulder.</p> <p>(Hawthorne, 1852, p.12)</p>	<p>Ela estava vestida da maneira mais simples possível, à moda americana (acho que os comerciantes de tecido falam assim), mas com uma mantilha de seda, por entre a qual era possível vislumbrar um ombro branco.</p> <p>(Tradução, Viana, 2016)</p>

No Exemplo 11, destaco minha tradução de “dry-goods people” para “os comerciantes de tecido”. Neste último, houve a mesma situação do exemplo anterior, um ICE que não possui correspondente na cultura na língua de chegada, portanto a perda do sentido cultural não pôde ser evitada.

Segundo a definição simples do Meriam-Webster online, o termo “dry-goods” refere-se além de bens secos como chá e tabaco, a produtos têxteis, como tecidos, laços e fitas, e também roupas prêt-à-porter (prontas para vestir). Dado o contexto, em que Coverdale

descreve a vestimenta de Zenóbia, optei por fazer uma relação com o comércio, o que resultou em uma universalização absoluta.

### Exemplo 12

Texto de partida	Texto de chegada
<p>"Oh, we of the softer sex," responded Zenobia, with her mellow, almost broad laugh,—most delectable to hear, but not in the least like an ordinary woman's laugh,—"we women (there are four of us here already) will take the domestic and indoor part of the business, as a matter of course. To bake, to boil, to roast, to fry, to stew,—to wash, and iron, and scrub, and sweep,—and, at our idler intervals, to repose ourselves on knitting and sewing,—these, I suppose, must be feminine occupations, for the present. By and by, perhaps, when our <b>individual adaptations</b> begin to develop themselves, it may be that some of us who wear the petticoat will go afield, and leave the weaker brethren to take our places in the kitchen."</p>	<p>— Ah, nós do sexo frágil, — respondeu Zenóbia, com sua risada despreocupada, quase forte – era um deleite ouvir, mas não era nada como uma risada comum de mulher. — nós mulheres (já somos quatro aqui) vamos ficar com as tarefas domésticas e internas, como é de esperar. Cozinhar, assar, fritar, lavar, passar, esfregar e varrer e, durante nossas horas vagas, repousar enquanto tricotamos e costuramos – suponho que essas devem ser ocupações femininas, por enquanto. Aos poucos, talvez quando nossas <b>inclinações individuais</b> começarem a se desenvolver, pode ser que quem use anáguas vá para o campo, deixando os irmãos mais fracos tomar seu lugar na cozinha.</p>
(Hawthorne, 1852, p.13)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 12, verter para “individual adaptations” para “adaptações individuais” não me pareceu a solução mais adequada, embora seja a tradução exata das palavras. Esse é mais um caso em que a tradução palavra por palavra não cabe, pois não faz tanto sentido em um primeiro momento quanto “inclinações” que, pelo contexto, é a que a personagem se refere.

Optei, portanto, por domesticar “individual adaptations” para que a leitura do texto de chegada fluísse melhor.

### Exemplo 13

Texto de partida	Texto de chegada
Eve had no dinner-pot, and no clothes to mend, and no washing-day.	Eva não tinha louça para limpar, nem roupas para remendar ou lavar.
(Hawthorne, 1852, p.14)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 13, fica claro que não verti “washing-day” para um correspondente gramatical exato. Para justificar tal escolha, retomo a definição de Aixelá (2013), e classifico “washing-day” como um Item-Cultural Específico que não possui correspondente cultural aproximado. No Brasil não falamos em um dia específico para lavar roupas que corresponda à mesma ideia do “washing-day” dos EUA, que geralmente ocorre quando há um dia de sol após muitos dias chuvosos, que dificulta o processo de lavagem de roupas. A estratégia utilizada foi, de acordo com Aixelá (2013, p.199), a universalização absoluta, pois não encontrei um ICE correspondente e optei por um termo neutro.

Assim, o aspecto compartilhado tanto pela cultura de partida quanto de chegada é a atividade de lavar roupas, mas a mesma assume um caráter específico quando esse ato tem um significado mais específico para a cultura de partida, a ponto de ter estipulado um dia específico para tal.

### Exemplo 14

Texto de partida	Texto de chegada
As for the garb of Eden," added she, shivering playfully, "I shall not assume it till after May-day!"	Quanto à moda do Éden — continuou ela, tiritando alegremente — não vou adotá-la até maio!
(Hawthorne, 1852, p.14)	(Tradução Viana, 2016)

No Exemplo 14, temos mais um caso de ICE. No texto “Itens Culturais Específicos em Tradução”, Aixelá (2013) menciona “leis de traduzibilidade” propostas por Itamar Even-Zohar e revisadas por Gideon Toury, que pregam que a traduzibilidade é alta quando as “tradições textuais envolvidas são paralelas” e quando “houve contato entre as duas tradições”. No caso do público leitor brasileiro, a recepção da cultura norte-americana é relativamente alta dado que absorvemos muito de seus filmes, livros e músicas. “May-day” é uma expressão que se refere a um dia de festividades de origem celta, associado à diversão e principalmente à fertilidade e que acontece no primeiro dia de maio. Como o Brasil não compartilha desses costumes, utilizei novamente a estratégia de universalização absoluta (ver Exemplo 13) e optei por uma referência neutra como o mês de maio.

### Exemplo 15

Texto de Partida	Texto de chegada
Are there any figs ripe, do you think? Have the pineapples been gathered to-day? Would you like a bread-fruit, or a cocoanut? Shall I run out and pluck you some roses?	Acha que tem algum figo maduro? Os abacaxis já foram colhidos hoje? Gostaria de uma fruta-pão, ou um coco marrom? Devo correr e colher umas rosas para você?
(Hawthorne, 1852, p.14)	(Tradução, Viana, 2016)

No Exemplo 15, deparei-me com a menção a frutas. Como ressalta Newmark (1988), termos referentes à fauna e à flora de uma região carregam muito de sua cultura, e figuram um problema de tradução, como por exemplo *passionfruit*. Em português, chamamos essa fruta de maracujá. Até então não há problemas, pois já existe um correspondente em português. Contudo, a diferença entre as culturas (e a geografia) nesse caso faz diferença, pois essa fruta não é exatamente a mesma aqui no Brasil e nos EUA. Dito isto, ressalto que a imagem que vem à mente de um americano ao ler “coconut” é a do coco marrom (o coco seco), enquanto aqui no Brasil temos tanto o coco verde quanto o marrom. Assim, decidi por especificar o tipo do coco, traduzindo “cocoanut” por “coco marrom”. O restante das frutas no texto de partida

não constituíram problemas, portanto deixei “figs” como “figos”, “pinneaples” como “abacaxi”, “bread-fruit” como fruta-pão. A palavra “roses” traaduzi como “rosas”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Projeto Final de Curso, foi apresentada a tradução para o português brasileiro dos três primeiros capítulos da obra *The Blithedale Romance*, de Nathaniel Hawthorne, publicada pela editora Ticknor, Reed and Fields em 1852, em Boston, nos Estados Unidos. O objetivo foi discutir o processo tradutório, com ênfase nas minhas opções de estratégias tradutórias à luz das ideias de Aixelá (2013) acerca de itens culturais específicos e das noções de domesticação e estrangeirização como propostas por Friedrich Schleiermacher (1813/2007) e Lawrence Venuti (1995). Além disso, procurei me basear na discussão de Paulo Henriques Britto (2013) a respeito de estratégias tradutórias estrangeirizantes e domesticadoras.

Durante o processo tradutório, meu objetivo foi manter um certo equilíbrio – fazer a mediação – entre uma tradução que tanto levava o autor de partida ao leitor de chegada, seja traduzindo nomes de lugares, adaptando termos culturais próprios da cultura de partida, quanto tirava esse leitor do seu conforto e levando-o ao autor de partida, através de notas de rodapé, como nos Exemplos 1 e 3.

Partindo da afirmação de Britto (2010), segundo a qual a maioria das traduções publicadas no Brasil, hoje em dia, são um meio termo entre “estrangeirizantes” e “domesticadoras”, considero que minha postura se situou entre essas duas possibilidades, pois fiz uso de estratégias explicativas extratextuais, como demonstrado nos Exemplos 1 e 3. Essas estratégias também foram influenciados pelo fato de eu tê-las observado em uma tradução já publicada e recente de *The Scarlet Letter*, realizada por Guilherme Braga em 2012. Retomo, pois, a discussão de Even-Zohar (1990) sobre traduções em posição periférica, que buscam seguir normas estabelecidas por obras de teor semelhante que já são aceitas dentro do polissistema de literatura traduzida de um determinado país.

Destaco aqui um elemento que causou dúvida e muita reflexão acerca da solução a ser encontrada: a tradução do topônimo *Blithedale*, que subsequentemente traz à tona a discussão da tradução de títulos de obras literárias. Como Landers (2001) afirmou, o título só deveria ser mudado caso não houvesse alternativa. Dividida entre estrangeirizar – com base na recomendação de Newmark (1988) para não inventar novos nomes geográficos quando estes não possuem tradução pré-estabelecida – e tentar criar um novo termo domesticado para o nome do lugar, optei por transferir o nome do lugar, sem fazer adaptações. A escolha final foi

norteada pela ideia de que a perda da sutil ironia no título não causaria grandes problemas para o público leitor brasileiro.

De modo geral, a tradução dos três primeiros capítulos da obra em estudo mostrou-se desafiadora, e todo esforço empregado para resolver os eventuais problemas foram bastante edificantes para minha formação como tradutora.

## REFERÊNCIAS

AIXELÁ, Javier. Itens Culturais-Específicos em Tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun., 2013.

BORGES, Ana Isabel; NERCOLINI, Marildo José. A (im) possibilidade da tradução cultural.. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, An. 2, out. 2002, São Paulo.

**Proceedings online...** Associação Brasileira de Hispanistas, Disponível em:

<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 11 Nov. 2016.

BOTTMAN, Denise. Nathaniel Hawthorne no Brasil. **Belas Infiéis**, v. 2, n. 1, p. 235-250, 2013.

\_\_\_\_\_. O Quinteto da Renascença Americana no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, nº especial 1, p. 190-211, jan/jun. 2015

BRITTO, Paulo Henriques. O tradutor como mediador cultural. **Synergies Brésil**, nº 2, 2010 p. 135-141

CORBEIL, Jean-Claude. **Dicionário Visual SBS: Português-Alemão-Espanhol**. Hub Editorial, 2012

CROWTHER, Jonathan. Oxford Guide to British and American Culture (New Edition). Oxford: Oxford University Press, 2005.

FERREIRA, Alice Maria Araújo. Noções fundamentais para se pensar a poética do traduzir de Meschonnic. **Traduzires**, v. 1, n. 1, p. 95-102, 2012.

HAWTHORNE, Nathaniel. **The Blithedale Romance**. <Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/2081/2081-h/2081-h.htm>> <Acesso em: agosto de 2016>

\_\_\_\_\_, **A Letra Escarlate**. Tradução de Guilherme Braga. Edições BestBolso, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa Século XXI**. Nova Fronteira, 1999.

HOSMER, William H. C. **The Poetical Works of William H. C. Hosmer, Volume 1**, Redfield, 1854, p. 193.

KNIGHT, Denise. **Writers of the American Renaissance: An A-to-Z Guide**. Greenwood Publishing Group, 2003.

LAMBERT, Jose & Van Gorp, Hendrik. On describing translations. In HERMANS, Theo. **The manipulation of literature**. New York: Croom Helm, 1985, pp: 42-53.

LANDERS, Clifford. **Literary translation: a practical guide**. Great Britain. Cromwell Press Ltd.2001.

MELTZER, Milton. **Nathaniel Hawthorne: a biography**. Twenty-First Century Books, 2006

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. Prentice-Hall International, 1988.

\_\_\_\_\_. **Approaches to Translation**. Shanghai Foreign Language Education Press, 1981.

MCGOULDRIK, Paul F. **New England Textiles in the Nineteenth Century: Profits and Investment**, Volume 131. Harvard University Press, 1968.

REYNOLDS, David S. Introduction, Hawthorne and the Reform Impulse. IN: **Beneath the American Renaissance: The Subversive Imagination in the Age of Emerson and Melville** USA, Oxford University Press, 2011.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Tradução de Celso Braida. **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. Londres e Nova York: Routledge, 1995.

### **Sitografia**

<http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=158&evento=1>  
<Acesso em: 09/10/16>

<http://www.surnamedb.com/Surname/Moodie> <Acesso em: 12/11/16>

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=top%C3%B4nimo> <Acesso: 12/11/16>

<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2013/11/niveis-de-oxido-nitroso-na-atmosfera-podem-dobrar-neste-seculo-diz-onu.html> <Acesso: 17/11/16>

[http://www.gamagases.com.br/propriedades\\_oxidonitroso.htm](http://www.gamagases.com.br/propriedades_oxidonitroso.htm) <Acesso: 17/11/16>

[http://www.releituras.com/mbandeira\\_testa.asp](http://www.releituras.com/mbandeira_testa.asp)<Acesso: 17/11/16>

<http://www.revistaclique.com.br/2012/03/pret-a-porter/> <Acesso: 17/11/16>

<http://www.merriam-webster.com/>

<http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>

<http://www.historic-uk.com/CultureUK/May-Day-Celebrations/> <Acesso: 25/11/16>

## **ANEXO**

### **Anexo A - Tradução**

Tradução removida por questões de direitos autorais.